

A ECONOMIA COLABORATIVA

No futuro, as pessoas olharão para os empregos formais com a mesma perplexidade que hoje um jovem olha para um velho telefone com discador



Desde o início deste século, nós que estudamos e acompanhamos o mercado de trabalho temos anunciado que o número de pessoas que ocupam empregos formais seria proporcionalmente decrescente em relação ao número de pessoas que executam trabalhos por meio de empresas próprias coletivas ou individuais ou atuando na informalidade. O trabalho, portanto, superaria o emprego. Mesmo quando aumentaram as oportunidades de emprego, a proporção da população economicamente ativa que fez a opção pelo trabalho foi sempre maior. Em tempos de crise, na medida em que as demissões se

avolumam, essa opção fica mais relevante. Em 2015, as demissões superaram as do período crítico de 1990 a 1995, incentivando as pessoas a procurar uma ocupação diferente.

Esse quadro sofre agora mais uma mutação: a economia colaborativa, chamada nos Estados Unidos de “gig economy”. Hoje 90 milhões de americanos estão envolvidos com isso, trabalhando como parceiros de sites de prestação de serviços que oferecem “trabalho remunerado” às pessoas que se cadastram. Por exemplo: o Instacart oferece um serviço de entrega a domicílio de produtos de supermercados e lojas de conveniência. O Airbnb transforma proprietários de imóveis em hospedeiros de estadias de curta ou longa duração. O Lyft cadastra pessoas e cuida da oferta de serviços de carona remunerada. O Taskrabbit oferece a oportunidade de prestar vários serviços caseiros como lavagem de roupa, manutenção elétrica e hidráulica, jardinagem, reparos de telefones — com a liberdade do prestador de serviço estabelecer o seu preço.

Existem outros como o Zirx, um serviço autônomo de valet, e o Caviar, que faz entrega a domicílio de comida de restaurantes.

É claro que esses serviços, feitos todos na informalidade, chamam a atenção das autoridades, ávidas por recolher impostos — e há outras consequências que perturbam o sucesso dessas iniciativas. Embarcando de volta dos Estados Unidos, assisti no aeroporto de Los Angeles a uma manifestação de motoristas do Uber clamando para serem considerados empregados da empresa Uber, e não “parceiros”.

Mesmo com a investida das autoridades querendo regulamentar e com as recaídas dos “parceiros” que sonham em ter um emprego formal, a verdade é que o mercado nunca mais vai ser o mesmo. Os tempos do emprego para toda a vida não voltarão e, no futuro, as pessoas olharão para o emprego formal com a mesma perplexidade que hoje um jovem olha para um velho telefone com discador.